

para o amator é muito preferível começar sem pretenções, aos poucos, aperfeiçoando o seu trabalho, sem abusar nem da movimentação de camara, nem do uso dos "trucs", sempre difficeis de serem realisados.

A proposito disso, convinha transcrever aqui algumas palavras da autoria de um amator americano, Herbert C. McKay, quando foi do concurso de films amadores que uma revista cinematographica de Chicago instituiu ha coisa de dez mezes, mais ou menos.

Antes, porém, de lermos o que elle diz, convém fazer notar que, si tudo quanto eu tenho exposto precedentemente "é meu", isto é, é idéa minha, opinião minha, já assim não se vae dar com o que vamos ler agora; os conceitos expostos daqui em diante, no artigo que passo a transcrever, publicado em "Photo-Era", são exclusivamente de Mr. Herbert, e eu proprio não concordo totalmente com elles, apesar de já ter visto cada um monstro cinematographico, perpetrado por um amator, justamente por ter abusado do movimento panoramico, que Mr. Herbert friza como sendo o mais delicado de uma "tomada" qualquer. Aliás, leiamol-o:

"A colleção de films apresentados no concurso foi de immenso interesse. Alguns delles, quando exhibidos, causaram tal surpresa a cada um de nós, uma surpresa agradável, que realmente ficámos muito contentes por constatar esse facto, não só dentro de nós mesmo como dentro dos nossos visinhos.

No entanto, parece que ha dois pontos que necessitam que sejam gryphados, para o proprio bem do amator; é nesses dois pontos que nós queremos tocar.

Primeiro que tudo, temos censurado mais de uma vez, repetidamente, o amator que não deixa o seu tripé permanecer firme no seu logar, e vae abusando do panorma. Para sermos condescendentes, podemos admitir que ha innumerables panoramas bem tirados; porém, contra um bem feito, temos visto uma duzia ou mais de tal qualidade que, ás vezes, só servem apenas para arruinar completamente uma scena de valor!

O tripé, convenhamos, não é apenas um suporte para a camara, isso é verdade. Além de ser a base de toda camara, elle, só elle poderá permittir a filmagem "em panorama". Mas si nós temos que filmar um panorama, será preferível, usar um tripé que apresente a plataforma giratoria deslizando "por fricção", e não subordinada a manivelas, cujo manejo é sempre lento (1). Si o campo de acção da scena que, supponhamos, temos que filmar, é maior do que o angulo de camara, que é que havemos de fazer? Obrigar a camara a girar sobre si mesma para encerrar todo o campo dentro do mesmo angulo, ou afastal-a, augmentando o angulo para obtermos o mesmo resultado sem fatigar a vista ou o genio do espectador?

Na téla professional nós encontramos uma grande abundancia de "filmagens em panorama"; mas cada uma dellas é necessario, tanto que, quando não são vagarosas o bastante para não perturbarem, têm que ser tão rapidas que o assumpto filmado ainda fica impressionado na pellicula durante todo o tempo em que os ultimos planos da scena, com o movimento panoramico, se fundem em uma nebulosa sem fórma para serem substituidos por outros ultimos planos, correspondentes a outra montagem ou outro angulo da mesma montagem. E o mais interessante é que essa "tomada" ninguem procura "ver"; pelo contrario, passa inteiramente despercebida, devido á sua rapidez.

O segundo ponto no qual queremos tocar é o fóco...

quando tivermos que fazer uma "tomada", não devemos cahir nesse erro de dizermos connosco: "Ora, isso não importa; um pouquinho fóra de fóco não influe". E' preciso que nos lembremos de que, em uma téla de 40 pollegadas de largura (2), se dá um augmento proporcional de 100 vezes a imagem projectada. Si quizermos obter um bom film, precisamos de pôr as nossas lentes na justa medida. E só uma trena, alguns metros de cordão préviamente medidos, bastariam para remediar o defeito.

E no entanto isso nem sempre é peor. Muitos, mas muitos amadores mesmo, são positivamente descuidados no que toca ás dentes e ao fóco. Parece estranho que o amator venha a comprar um aparelho dispendioso, depois venha a gastar film com elle para ser recompensado com um resultado nullo, quando uma trena significaria o fóco perfeito para cada uma das scenas a serem filmadas".

E ahí está o que diz o Herbert C. McKay.

Não desejo ajuntar nem tirar nada ao que elle diz; não desejo manifestar minha opinião a respeito do que elle aconselha, ponto por ponto; mesmo porque nem tudo quanto elle tão fortemente previne como uma causa de erro, isso nem sempre é possível fazer, mesmo que se queira. Quanto á questão do panorama, si todas ou quasi todas as camaras hoje são automaticas, sem tripé, como poderá corrigir-se esse erro que, diz elle, se dá assim tão frequentemente? Pelo contrario! Parece-me, cada vez me convenço mais disso, que na camara automatica é mais facil commetterem-se mais erros, justamente dessa qualidade, mais muito mais, mesmo, do que em todas as camaras manuaes, sejam ellas dotadas de tripé por fricção ou á manivella...

(1) — O tripé Pathé Baby não obedece ao movimento de basculo; é apenas uma plataforma giratoria por fricção.

(2) — Um metro e quinze, pouco mais ou menos.

RAYMOND GRIFFITH POSA PARA UMA MACHINA DE AMADORES. O OPERADOR E' EDDIE CANTOR.



Quer ser Artista de CINEMA?

UMA PERIGOSA QUADRILHA ORGANIZA-SE PARA LESAR OS INCAUTOS

56 VICTIMAS PROCURAM A POLICIA

— Quer ser artista de Cinema? Não precisa saber ler nem escrever. Preparam-se em 3 mezes e garante-se um ordenado de 1:500\$.

Praça Tiradentes n. 9, sala 2.

Este annuncio, ou melhor, este "negocio da china", foi offerecido aos incautos que correram em grande numero a "Escola de Artistas Film Arte". O candidato inscrevia-se no curso e pagava a matricula de 100\$000, podendo fazel-o em duas prestações. E' um optimo emprego de capital, dizia o director da Escola ao candidato a artista. O senhor emprega cem mil réis e dentro de tres mezes estará ganhando 1 conto e quinhentos.

E crente na honestidade do negocio lá se ia o incauto candidato a artista convidar os amigos e conhecidos.

— Queres ser artista de Cinema ganhando 1:500\$000.

— Qual artista, qual nada. Eu nem ler sei.

— Não precisa, eu tambem não sei e já me matriculei. E, assim, os proprios incautos, na melhor boa fé, se incumbiam de fazer novas victimas. A matricula crescia cada vez mais e o numero de alumnos era já consideravel.

Albano Cardoso, empregado no commercio e residente á rua Santa Amelia n. 159 ao matricular-se, em Agosto, recebeu o seu cartão de matricula. Tinha elle o n. 276. Era o numero das victimas até aquella época como vão ver os nossos leitores, pois a tal Escola de Artistas era, nada mais, nada menos, do que um dos maiores "caça-nickeis" que registra a historia da pirataria.

QUER SER ARTISTA?

E o annuncio convidativo contiua a ser espalhado. Os candidatos compareciam em crescido numero e os espertos cada vez mais se enchiam de dinheiro. Por fim, a convite de amigos, ali foi Joaquim Rodrigues, operario e residente com seu primo, Albano Cardoso, á rua Amelia, 159, galgou rapido, as escadas do predio n. 9 da Praça Tiradentes e ali recebeu uma senhora de nacionalidade franceza que diz ser o seu nome artistico Jeny Roland. Era a directora da Escola. Examinou as aptidões do candidato e presentou-lhe ao proprietario da Escola, Henrique Nolis que usa ainda outros nomes. Foi-lhe cobrada a matricula e Joaquim Rodrigues ficou habilitado a ser artista no fim de tres mezes.

Vendo que as aulas não funcionavam e já meio desconfiados, Albano Cardoso e Joaquim Rodrigues procuraram a directora da Escola, para fazerem uma reclamação.

Esta, longe de perder a calma, foi logo dizendo:

— A proposito. Eu ia mandar chamar os senhores pra fazer, amanhã, a prova pratica, no Sylvestre.

No dia fixado, lá estavam os dois candidatos que foram levados pela directora da Escola, que queria conhecer as suas habilitações. Mandou (Termina no fim do numero)